



Presença

Fundação Cuidar o Futuro

Teófilo Moraes Pardo

Presença

FÉRIAS

1954 ★ N.º 4

J. U. C. F. — FILIADA NA "PAX ROMANA"

sumário



Férias

Em torno do valor

Carta da Dinamarca

Férias — Olhando o concreto

Cultura Bíblica

Pausa

Aqueles que vale a pena ler: G. K. Chesterton

Dógena de Antologia

Viajar... Fuga ou valorização?

Um velho continente... ou uma Ásia renovada?

Noticiário

Ecos da vida da J. U. C. F.

Fundação Cuidar o Futuro



Uma criança balanceia ritmicamente as pernas devido a excesso e não a ausência de vida. As crianças são dotadas de abundante vitalidade, são essencialmente impetuosas e livres, e por isso, querem as coisas repetidas e inalteradas. É por essa razão que dizem «torna a fazer», e o adulto repete-lhes a mesma coisa até ficar quase morto. Os adultos não são suficientemente fortes para exultarem na monotonia, mas talvez Deus seja suficientemente forte para isso. É possível que Deus diga ao Sol todas as manhãs «torna a fazer», e diga à Lua, todas as noites «torna a fazer». Pode ser que não seja uma necessidade automática que faz todos os bem-me-querer iguais; talvez Deus faça cada um separadamente, sem que nunca se sinta cansado de o fazer. Pode ser que Ele sinta em si o eterno apetite da infância; nós pecamos e envelhecemos, ao passo que o Nosso Pai é mais jovem do que nós.

(«Ortodoxia» — CHESTERTON)

FÉRIAS

Há exigências que se tornam prementes em determinadas épocas da vida. Há exigências que ganham maior relevo nesta época das férias.

Elas trazem consigo, «através das brumas da distância», a mensagem dos anos que passaram. E são os encantos dos primeiros contactos com o mar, e são as fantasias dos castelos de areia, e são os passeios pelos pinhais e pelos campos, e são a velha quinta da família ou a aldeia tipicamente salaia onde tudo era novo e fresco e são.

Perdem-se num sabor de maresia, e de giesta as lembranças já imprecisas da nossa infância.

Depois delas surge mais nítida a memória das férias dos tempos do Liceu. Férias que ficaram marcadas todas porque em cada ano se descobriram coisas novas: o vento que cantava pelas ramagens, a voz do silêncio pesado dos bosques, a história das almas, impressa em sorrisos e palavras e rugas, a linguagem própria de cada coisa, de cada pessoa, de cada terra. Foi uma longa e emocionante descoberta da poesia das coisas simples.

Por isso as férias trazem sempre consigo um apelo de simplicidade.

Num mundo em que as estruturas sociais e políticas se complicam cada vez mais; num mundo em que a arte e a poesia, para serem compreendidas, têm de ser precedidas duma longa aprendizagem; num mundo em que o bem e o mal vêm a confundir-se cada vez mais nas ideias, nos costumes, nas relações entre os homens — há ânsia de simplicidade.

Seja, por isso, a simplicidade a grande exigência das nossas férias.

Simplicidade espiritual antes de tudo — consciência do que somos, desejo de mais, ânsia de perfeição, propósitos concretos de enriquecimento interior.

Simplicidade intelectual — humildade autêntica, combate à auto-suficiência cultural, certeza de que há uma infinidade de coisas que desconhecemos, coragem de procurar aprender coisas nos livros e na vida.

Simplicidade social — rectidão nas relações com os outros (os de outro sexo, os de outra idade, os de outro nível social), pureza nos costumes, inteligência no programa dos divertimentos.

Simplicidade total que permita a inserção real na família, no grupo de férias.

E, porque simplicidade total, tal atitude será a tradução simples do que realmente somos:

- ...Raparigas ...puras,
 - ...alegres,
 - ...verdadeiramente maternais.
- ...Universitárias ...inteligentes
 - ...cultas,
 - ...prontas a orientar e a dirigir com firme suavidade.
- ...Católicas ...cheias da sabedoria de Deus,
 - ...transbordantes de caridade actuante,
 - ...ricas de vida sacramental e litúrgica a irradiar fortemente na comunidade de férias e na comunidade juísta a que durante as férias continuamos vinculadas.



E se tivermos compreendido até ao fim esta exigência de simplicidade, sentiremos em cada dia de férias ressoar em nós como um cântico de esperança as palavras sempre novas:

«Bem-aventurados os simples porque deles será o reino dos céus.»

Fundação Cuidar o Futuro

Todo o homem tem uma terrível aventura: podia não ter existido, como as crianças que nunca vêm a luz.

Nos meus tempos de criança falava-se muito acerca de homens de génio decaídos ou arruinados, e era comum dizer-se que mais do que um homem, era, por vezes, um Grande-Podia-Ter-Sido.

Quanto a mim, é mais sólido e mais impressionante o facto de que qualquer homem da rua é um Grande-Podia-Não-Ter-sido.

(«Ortodoxia» Chesterton)

EM TORNO DO VALOR

Esboça-se actualmente uma tendência para considerar o valor como alguma coisa de dinâmico, sempre possível pela liberdade do sujeito.

Na linha desta doutrina, o homem não tem que aderir a uma ordem exterior a si, universalmente válida. Tem antes que se realizar, construindo-se em liberdade total, porque o seu caso é singular e únicas as coordenadas que estruturam a sua realidade existencial.

E daqui há quem conclua que não há valores universais, desencarnados, imutáveis, separados da vida, mas que a Verdade, o Bem e a Justiça, entre outros, só tem realidade para o homem na medida em que os faz seus, na medida em que os converte em vida.

Mais do que isso: não tem, mesmo, outra realidade senão a que lhe é conferida pela liberdade individual.

Por outro lado, concluem ainda que o único critério adequado de juízo é o critério subjectivo, à medida do sujeito.

E assim se chega a um relativismo moral que, identificando valor com situação, rouba ao homem toda a certeza e toda a paz, para o manter num esforço constante de criação estéril, de destruição de si mesmo.

Julgando realizar-se totalmente, fazendo da liberdade a fonte de todos os valores, o homem acaba por se negar, porque a chave do problema está, não em considerar o valor como alguma coisa de nominal, construção teórica da inteligência, mas como alguma coisa de ontológico que obriga todos os homens e por isso obriga cada um, embora em medida diferente.

É verdade que o dever varia, em certa maneira, para cada homem, segundo as suas capacidades. Daí, porém, não se conclui que tenha de ser construído; apenas se diz, que o grau de relação é diferente.

E é neste plano da relação, que o problema do valor tem de ser colocado, para ser resolvido.

Donde vem ao homem a necessidade de Justiça, o desejo de Verdade? Respondem uns: da liberdade. Respondem outros: da inteligência. Dizem ainda outros: piedosa fantasia dos homens, daqueles que não têm a coragem de se aceitar sem explicação.

E aqui se pergunta: que são inteligência e liberdade senão possibilidades assumidas pelo homem? E, se ele as não criou e as utiliza, como pode deixar de as considerar como dádiva?

Porque a verdade é esta: se a liberdade fundamenta o valor, é preciso fundamentar a liberdade.

E, se alguém responder que o único fundamento da liberdade é não ter fundamento, ainda assim se pergunta: donde lhe vem, o ser como é?

Posta a questão neste ponto, só há uma atitude para todo o homem de boa vontade: aceitar o Absoluto.

Maria Luísa Guerra

CARTA DA DINAMARCA

Chères Amies lointaines,

Lointaines, et pourtant si près de nous par la prière, par l'ardeur que nous éprouvons pour la dilatation du royaume du Christ, et avant tout par notre union intime dans le Corps mystique du Christ.

Bien que nous appartenions ainsi à la même Église universelle notre vie religieuse au Danemark et les problèmes qu'elle nous impose sont certainement différents des vôtres. Vous vivez dans un pays catholique: la plupart de vous sont nés catholiques: tout est pour vous chose naturelle. Nous, par contre, vivons clans une société soi-disant protestant et beaucoup d'entre nous se sont convertis au catholicisme. Il nous est inévitable de rencontrer partout des difficultés. D'abord il y a la solitude — si relative qu'elle soit, le Seigneur nous faisant partout la grâce de sa présence — on est seul catholique dans la famille et au travail. La famille n'ayant pu suivre notre développement spirituel et ne comprenant pas le message que nous avons reçu par la grâce de Dieu, s'éloigne facilement de nous. Nous avons là une grande responsabilité, d'abord de bien connaître notre religion, puis de ne jamais nous lasser de l'expliquer de notre mieux avec amour et patience. Quant à notre travail, qu'il soit à l'université ou ailleurs, il nous faut toujours aspirer à la plus grande valeur professionnelle possible, car elle seule permet de faire passer notre message. La plupart des gens nous regardent comme une secte, disent que le catholicisme ne correspond qu'au tempérament des gens du Sud, que nous adorons la Sainte Vierge au lieu du Christ, que nous sommes de vrais cannibales (allusion à la sainte Communion) etc. etc. Cette dernière prétention me fait toujours penser aux persécutions des premiers chrétiens, et il faut avouer que la profession de la foi catholique chez nous exige vraiment un esprit de sacrifice et de persévérance pour ne jamais céder à une vie qui serait infiniment plus facile que cette lutte perpétuelle. Nous aurions bien besoin du courage des premiers martyrs, car quoiqu'on ne nous tue pas physiquement on fait ce qu'on peut sur le plan intellectuel et spirituel. Aussi devons-nous beaucoup prier le Saint-Esprit, lui qui nous a poussés à notre conversion même si nous ne nous en rendons pas compte; souvent nous ne pensons pas assez au docteur intérieur de notre âme qui est le Saint-Esprit, et pourtant nous ne saurions rien penser ni rien faire sans lui, nous ne saurions même pas appeler Dieu notre Père s'il ne nous avait été appris par lui. Il habite au dedans de nous, il y agit, il nous

anime, il nous donne de la force en nous unissant avec Dieu. Ayant reçu le sacrement de la Confirmation nous sommes marqués du sceau de l'Esprit Saint, nous sommes devenus les guerriers du Christ, et dans la lutte pour le royaume du Christ nous avons toujours à notre côté la Très Saint Vierge qui nous soutient et qui prie pour nous sans cesse. Comme elle assistait à la première Pentecôte, unie à la prière des Apôtres, ainsi nous est-elle présente à chaque Pentecôte, chaque fois que nous recevons le feu de purification et de transformation. La dévotion à la Sainte Vierge peut paraître étrange aux nouveaux convertis. Habités à la conception protestante où la Mère de Dieu ne joue un rôle qu'à la Nativité ils peuvent avoir du mal à y pénétrer. Bien souvent ils l'acceptent reconnaissant l'importance infinie de son «Fiat» mais ce n'est que par une pratique persistante et quelquefois pénible et sans aucun doute grâce à l'intercession de la Saint Vierge auprès de Dieu qu'ils arrivent à éprouver une affection profonde pour elle et qu'elle devient vraiment notre Mère et notre Dame aimée comme elle est la Mère du Christ et la Mère de l'Église. Lentement nous devenons catholiques jusqu'au fond de notre âme. Peu à peu par la conduite du Saint-Esprit nous apprenons à vivre notre foi, nous apprenons l'importance de former une communauté chrétienne de même que la force et la grâce qui en jaillissent et dont nous avons tellement besoin pour faire face au matérialisme et à l'individualisme qui dominent tout et tous. La plupart de nous catholiques mènent une vie de religion très intense ce qui fait naître aussi des vocations à la vie monastique, et bien qu'il soit parfaitement naturel et compréhensible que tout converti croie à un moment donné avoir une vocation sans jamais la réaliser, il y en a quand même — aussi chez les convertis — qui sont bénies et affirmées par la grâce de Dieu. Il est possible que nous devions beaucoup de ces vocations à l'isolement humain dans lequel nous vivons et que nous ne pouvons éliminer. Il ne nous est point possible de faire convertir les gens qui nous entourent par nos paroles ni par nos actes, et par conséquent l'union de prière nous importe plus que toute autre chose; c'est par elle que nous ferons descendre la grâce qui seule puisse amener le royaume du Christ. Voilà pourquoi il nous donne tant de force morale et spirituelle de nous savoir unis à tous les catholiques du monde, de savoir que nous ne sommes pas la petite secte qu'on prétend, mais membres du Corps mystique du Christ. Priez un peu pour nous.

Kirsten Johannsen

FÉRIAS—OLHANDO O CONCRETO

Embora a Universidade seja o meio específico em que se adquire a formação universitária, não constitui todavia sua fonte exclusiva. Deve mesmo dizer-se que o indivíduo de cultura superior se caracteriza por certa atitude de espírito, por certa capacidade de análise e síntese do que se depara à sua volta, por certa sensibilidade com que reage a situações de facto de que outros já não dão conta. Se assim é, não ficam dúvidas de que a formação universitária se completa para além da própria Universidade.

Estamos a pensar no exercício das faculdades de observação e de crítica indispensáveis àqueles a quem a sociedade confia postos de orientação e comando e que no entanto se não adquirem exclusivamente pelos livros mas através dum convívio inteligente com pessoas, coisas e instituições.

As férias vêm corresponder a uma exigência de inserção no concreto. Libertando-nos de horários, de exames, de compromissos académicos favorecem uma disponibilidade maior, necessária à observação. Concomitantemente criam o dever do aproveitamento inteligente dessa oportunidade.

Aproveitamento inteligente!

Não se deter nas primeiras impressões! Saber relacionar os factos observados, arrumá-los e interpretá-los! Não se prender sòmente aos aspectos parciais nas oportunidades últimas.

A par do interesse por todas as manifestações de vida que define a tal atitude de espírito pode falar-se no interesse que nos deve merecer um ou outro aspecto particular que exige uma observação mais detalhada e um estudo mais amplo.

Para as próximas férias sugerimos um — a educação — e, escolhemo-lo por um lado a pensar na missão específica da mulher que é sempre de natureza maternal e por outro impelidas pelas necessidades de momento que neste campo se revelam imperiosas.

Na verdade, é tão forte o sentido de maternidade que a mulher se reconhece falhada quando não realiza uma vocação maternal concretizada quer numa maternidade puramente espiritual voluntariamente escolhida quer acrescente àquela a maternidade física.

Em particular no que se refere à rapariga universitária tem de acrescentar-se que mesmo o rendimento máximo do seu curso seja ele de natureza clássica ou técnica só pode considerar-se atingido quando venha a traduzir-se num acréscimo de riqueza na missão maternal que primária-

mente lhe incumba. E, como essa missão se identifica com a educação à mulher universitária se abrem os domínios de resolução científica — teórica e prática dos grandes problemas educacionais. Embora constituindo família e portanto mais circunscrita ao seu círculo familiar não lhe assiste o direito de se ausentar dos problemas nacionais de educação em que a sua experiência de mulher casada é imprescindível.

Citemos agora alguns casos-tipo de educação deficiente a que muitos outros se poderiam juntar comprovando assim a afirmação que inicialmente deixamos de tudo estar por fazer em matéria de educação familiar e colectiva. Escolhemos casos habituais em famílias de rendimentos suficientes e portanto em que ressaltam mais evidentes os erros.

Ignorância ou comodismo?

As crianças são todas diferentes. Ainda que irmãos e portanto com vínculos entre si muitíssimo fortes desde que nascem acusam tendências que as distinguem. Deus não se repete nas escalas inferiores da criação, muito menos no Homem que não criou Indivíduo mas Pessoa. Contudo raros são os pais que se debruçam a conhecer o filho, como ele é nas suas aptidões e desejos, quando esse é papel primário de educação — ajudar ou trem a tornar-se ele mesmo. Quase sempre os pais querem os filhos como eles próprios ou como este ou aquele modelo idealmente delineado. Não procuram conhecer nem admitem que existam diferenças de temperamento e aptidões. A todos impõem um padrão! A todos dão idênticas ordens!

Aquele rapazinho robusto e com certa audácia que quer brincar de perto com o mar obrigam a ficar sentado ao pé do mano a quem o sol faz mal. Claro que ele não ficará de vontade — chora, faz «birra» e logó que aponta alguém distraído ei-lo que foge. Chamam-no mau, comparam-no ao mano, sempre tão sossegado. A criança cresce e quando poderíamos esperar um chefe, encontraremos talvez um mediocre, talvez um revoltado...

Mandar por necessidade ou por mau génio?

Todos os que se debruçam no estudo da criança são unânimes em afirmar que a criança vive num «mundo diferente do dos adultos» e mais que esse seu «mundo» é indispensável a um pleno desenvolvimento.

A criança, por exemplo, não suporta a ordem dos adultos — não compreende por que não arrastar cadeiras ou não bater com a porta. Não se segue, porém, daqui que não admita a ordem. Verifica-se pelo contrário que a criança é excepcionalmente sensível a certos tipos de desordem, tendência esta que revelam, aliás, desde muito pequeninas.

Parece pois que da parte dos educadores terá de existir por um lado um respeito grande pelo «mundo» da criança e por outro uma delimitação

de esferas de competência, da criança e dos outros que garanta uma harmonia de interesses e que a criança aprenderá facilmente a respeitar.

Em certos domínios que se irão sucessivamente alargando — o parque, a casa dos brinquedos, um cantinho no jardim — a criança terá plena liberdade.

Há depois o domínio dos outros que é preciso salvaguardar impondo à criança um sério respeito por ele e que pode concretizar-se no escritório em que os pais trabalham, no quarto do bebé, etc.

Esta delimitação de competências, aliada a certa dose de audácia, evitará a multiplicidade de ordens com que certas mães atormentam a vida das crianças.

Não pegue na cadeira... não deite o brinquedo no chão... não se sente no tapete... não suje os maples... veja se cai... cuidado que se engasga... olhe o papão...

Quantas mães resumem nesta série de frases, repetidas inúmeras vezes em tom excitado, o seu código de educação! No fim do dia têm razão em se confessarem cansadas e todos reconhecem que aquelas crianças são insuportáveis!

Alguém teria pensado na fadiga e enervamento das crianças?

.....
Crianças — entretenimento dos pais.

Outro erro generalizado na educação das crianças e que tende a generalizar-se talvez por desconhecimento talvez por amor-próprio é o considerar-se a criança como objecto de adorno dos pais.

Acontece isto sobretudo nas famílias pouco numerosas em que toda a atenção se concentra na criança para (he extorquir-lhe o melhor) tudo o que ela é capaz de dar, e o que não é.

Pedem-lhe «gracinhas» para uma tia, uma avó, ou para uma visita da mamã ou um amigo do pai.

Os educadores não olham a criança como tendo necessidades especiais mas procuram que seja meio de satisfazer as suas aspirações próprias. Obrigam-na a esforços, desproporcionados às vezes, (o mito dos «meninos prodígios»), esquecendo as consequências funestas que os seus caprichos de momento virão trazer ao desenvolvimento da criança.

Outra das manifestações de vaidade dos pais revela-se nos sacrifícios por vezes impostos às crianças, obrigando-as a usar fatos pouco adaptados às suas necessidades de movimento, tradução extrema do rápido processo evolutivo físico e psíquico que caracteriza os primeiros tempos de existência.

Vestidos complicados de folhos e rendas que fazem o encanto dos pais e revestem por vezes uma forma de competição com os amigos, tornam a criança mais infeliz porque menos livre.

Menos livre e menos simples!

A criança só atinge o simples, o complexo pelo contrário oprime-a.



Chora pelo seu boneco de trapo já a cair aos bocados mas é capaz de deitar para o chão o brinquedo caro que lhe acabam de oferecer.

Pela mesma razão teimará em não querer o bibe engomado que o obriga a andar e preferirá o bibe velho que lhe traz plenos poderes de se sentar no chão.

.....

Não nos alongaremos mais nesta enumeração de casos. Escolhemo-los entre os mais flagrantes. Deparam-se-nos numa praia, num jardim, numas termas.

Progridem os conhecimentos de física, de botânica, de química, das finanças e da política. A criança, todavia, continua desconhecida, quando matéria prima — prima de obra mais perfeita da criação bem merecia um tratamento diverso.

E eu vos digo: «tudo o que fizerdes a um destes pequeninos a mim mesmo o fareis». (S. Mateus, Cap. XVIII, 5)

Maria Manuela da Silva

CULTURA BIBLICA

O PROBLEMA DA IMORTALIDADE VISTO NO LIVRO DA SABEDORIA

Relativamente à imortalidade da alma encontramos vários prenúncios no Livro da Sabedoria, «prenúncios» que se podem considerar como positivos e negativos.

Positivos, aqueles em que claramente se expressa a vida futura.

Entre estes, temos os que transparecem nas seguintes passagens: «Deus criou o homem para a imortalidade (cap. II - 23).

As almas dos justos estão nas mãos de Deus e o tormento da morte não as tocará (cap. III - 1).

Os seus fiéis estarão com Ele no amor.

Mas os justos vivem eternamente; a sua recompensa está junto do Senhor e o Todo-Poderoso tem cuidados deles».

Podemos encontrar outros prenúncios, afirmados negativamente na fala dos ímpios. Assim: «Disseram no desvairamento dos pensamentos; o tempo da nossa vida é curto e cheio de tédio e não há nenhum bem a

esperar depois da morte e também não se conhece ninguém que tenha voltado dos infernos».

«Porque do nada somos nascidos e depois desta vida seremos como se nunca tivéramos sido.

O nossô corpo será reduzido a cinza e o espírito se dissipará como um ar subtil e a nossa vida se desvanecerá, como uma nuvem que passa.»

«A nossa vida é a passagem duma sombra e não há regresso depois da morte.»

A imortalidade é, assim, implicitamente afirmada pelos ímpios, ainda mesmo quando a negam.

Relativamente às recompensas celestes, encontram-se também várias citações, onde estas fácilmente se desenham.

Assim: «Sofreram castigos, a sua esperança está cheia de imortalidade».

«Depois duma pena ligeira, receberão uma grande recompensa; porque Deus experimentou-os e achou-os dignos d'Ele.»

«No tempo da sua recompensa, brilharão; julgarão as nações e dominarão os povos e o Senhor reinará sobre eles para sempre.»

«Porque a sua alma era agradável ao Senhor, o Senhor se apressou a retirá-la do meio da iniquidade.»

«A graça de Deus e a Sua Misericórdia estão com os Seus escolhidos e tem cuidado dos Seus Santos.»

«Então, o justo estará de pé em face dos que o perseguiram e desprezavam os seus trabalhos.»

«Receberá da mão do Senhor o magnífico reino e o esplêndido diadema; porque Ele os protegerá com a Sua direita, com o Seu braço os cobrirá como com um escudo.»

Assim se desenha, em todos os seus aspectos, o essencial problema da imortalidade. Alimentada pelos Profetas, a chama desta esperança na vida futura, passou pelo coração de cada homem. E Cristo, pela Sua Ressurreição Pascal, não fez mais do que confirmá-la. Ele, o Único Justo que plenamente exaltou o justo da Velha Aliança.

Maria Luisa Guerra

«A existência é ainda para mim uma estranha coisa, e como a um estrangeiro que chega, dou-lhe as boas-vindas.»

*(«O Deus da chave dourada»
«autobiografia» Chesterton)*



PAUSA

Há-de vir a manhã... E os montes repetiam em cada dia e as fontes cantavam em cada hora: há-de vir a manhã...

E as mães, nas tardes mansas, entre sussurros de asas e perfumes de lilazes, acordavam sonhos no coração dos filhos; diziam-lhes entre risos, que é só na noite que as estrelas brilham.

É só na noite que as estrelas brilham...

.....

Adormeciam doridas, as ervas dos valados. Dormia nos beirais a voz dos ninhos e na noite morta, a floresta esperava.

Uma filha repetia a outra filha: há-de vir a manhã...

Morria pelos campos além a voz das cigarras. Vestia-se de esperança, o coração dos homens.

E, em cada lareira, uma brasa dizia a outra brasa: há-de vir a manhã...

.....

Floriam roseiras pelos caminhos, abriam-se ao Sol giestas bravas.

Voando, cantavam abelhas em cada flor: há estrelas na noite, há-de vir a manhã.

E as montanhas repetiam aos vales e os vales repetiam aos ventos e os ventos gritavam sobre as ondas do mar: há-de vir a manhã.

A terra inteira repetia, de geração em geração, no rebrilhar de cada fonte e no luzir de cada estrela: há-de vir a manhã...

.....

Passava pelo mundo a hora do sonho. Um dia contava a outro dia, o grande segredo: há-de vir a manhã...

E os pais repetiam aos filhos a mesma mensagem.

É a hora da esperança... Há-de vir a manhã...

.....

E falou Maria.

Nasceu a manhã, floriu a esperança, foi tudo novo sobre a face da terra...

Maria Luísa Guerra



G. K. CHESTERTON

O melhor estudo sobre Chesterton já foi feito quando o brasileiro Gustavo Corção escreveu «Três Alqueires e uma Vaca», e quem tiver lido essa análise completíssima da obra chestertoniana, sentirá com toda a certeza o desejo muito vivo de mergulhar fundo na sua leitura.

Pode ser que o grande escritor britânico se não apresente a todos com aquela «impetuosa evidência de uma janela aberta» com que surgiu perante Corção, mas nem por isso o contacto com o seu espírito brilhantíssimo — decerto um dos mais brilhantes dos nossos tempos — deixará de ser ocasião de enriquecimento moral e intelectual para o leitor.

Quando falamos de Chesterton, sem querer, somos arrastados para a superlativação, e até os próprios adjectivos nos acodem no mais elevado grau.

Há, evidentemente, um exagero de contágio, porque, à semelhança da sua compleição física, tudo o mais atinge nele proporções gigantescas: riqueza verbal, vigor do espírito, robustez doutrinária, volume da sua obra.

Nascido em Lourdes no ano de 1874, convertido ao Catholicismo em 1922, e morto catorze anos depois, Gilbert Keith Chesterton abraçou o jornalismo, onde se tornou célebre pelas polémicas que, de parceria com Hilaire Belloc, travou principalmente contra Bernard Shaw, o ácido irlandês cuja morte ocorreu recentemente.

O ardor combativo de Chesterton é mais um dos seus paradoxos: optimista saudável, humorista (talvez em excesso), Chesterton aparece-nos como um bom gigante tranquilo, um nadinha propenso à santa simplicidade infantil, que encontra na «ética do país das fadas» esse clima de mistério indispensável ao homem que não queira ser um louco racionalista, e exactamente por isso, poucos lutaram como ele lutou, durante a vida inteira; raros tomaram tão a sério como ele tomou a sua vocação de defensor da Verdade; menos ainda, souberam encontrar a subtilidade e a lógica na argumentação como ele as encontrou.

Ao longo dessa obra imensa, revela-se-nos ainda o seu apaixonado interesse pelo mundo criado onde Chesterton descobre a cada passo o milagre da vida perante o qual a multidão dos homens passa indiferente.

«Ortodoxia», reputado o melhor dos seus livros, é um conjunto de ensaios profundíssimos de carácter filosófico, em que o autor com a viva-

cidade, às vezes vertiginosa que lhe é peculiar, nos apresenta aquela filosofia na qual acabou por acreditar ele próprio.

E esclarece-nos: «Não lhe chamarei a minha filosofia, porque não fui eu que a fiz. Deus e a humanidade a fizeram: ela me fez a mim».

Pelas páginas da «Autobiografia» desfila o panorama da época vitoriana com todos os seus vícios políticos e sociais, suas figuras literárias, seu materialismo cedendo o passo aos variadíssimos desvios espiritualistas que o após-Grande Guerra trouxe com a voga das religiões orientais, às quais frequentemente alude também, refutando-as, até mesmo nas novelas que intitulou «A Incredulidade do Padre Brown», «A Candura do Padre Brown» e «Os Paradoxos de Mr. Pond», série de pequenos contos do tipo policial que o talento do autor salvaguardou, porém, dos defeitos habituais ao gênero.

Citaremos, ainda, os estudos críticos sobre Robert Browning, Chancer e Dickens; os ensaios acerca de S. Tomás e S. Francisco de Assis, «A Esfera e a Cruz», «Hereges», «O Poeta e os Loucos», «O Homem Eterno», «Barbárie de Berlim», a curiosa novela «O Homem que era 5.º feira», e tantos mais.

Do ponto de vista formal, o último qualificativo que Chesterton desejaria que lhe dessem, seria o de esteta, mas não existirá no seu estilo paradoxal muito de certa predileção estética semelhante à dos gongóricos peninsulares, pela curva delirante do pensamento e da frase? Encontramos ainda nele um gosto acentuado pelos adjectivos designativos de cores ou de metais preciosos que tornam a sua linguagem rica e variada.

Uma advertência final: Chesterton merece que lhe não reduzamos as dimensões. Não é um iniciante que se diverte e seu público jogando com ideias cintilantes; foi, acima de tudo, alguém que soube inserir-se nos problemas do mundo moderno, e a sua tentativa de resolver a questão social criando um sistema económico — o distributismo — dá-nos bem a prova do generoso compromisso que obriga o homem de letras para com as realidades do seu tempo.

Maria Isabel de Mendonça Soares

«Quero que se me permita ter entusiasmo pela existência do entusiasmo, e não que se tolere friamente o meu maior entusiasmo como se fosse uma excentricidade pessoal.»

(«A Sombra da Espada» in «Autobiografia» Chesterton)

**PAGINA
DE
ANTOLOGIA**

O poder esmagador das simples palavras do Evangelho é comparável à acção de uma mó, e aqueles que conseguirem lê-las com suficiente simplicidade sentir-se-ão como que «rolados» sob uma avalanche de rochas.

A crítica não é senão uma aposição de palavras a outras palavras... Ora para que servirão palavras sobre palavras como aquelas? Para quê procurar imagens verbais na obscuridade do jardim repentinamente jurada pelas tochas e as faces furibundas:

«Viestes a mim com espadas e varapaus como para um ladrão? — Eu todos os dias, porém, ensinava no Templo no meio de vós e nunca me prendestes?».

Poder-se-á acrescentar mais alguma coisa à finura concisa desta ironia, maciça, e amassada como a de uma grande vaga que se levanta até ao céu e que se recusaria a cair?

«Filhas de Jerusalém, não choreis sobre mim, chorai sobre vós e sobre os vossos filhos...».

Como o Grande Pontífice que perguntava que necessidade havia de testemunhas, também nós poderíamos perguntar que necessidade temos nós de palavras...

Pedro cheio de pânico renega o Mestre, e «imediatamente o galo cantou e Jesus olhou a Pedro, e Pedro saiu e chorou amargamente...».

Terá alguém um comentário a fazer?... No momento do crime, Ele reza pela raça criminosa dos homens dizendo: «eles não sabem o que fazem» que dizer mais... senão que nós também sabemos pouco o que dizemos?

Haverá necessidade de repetir e de contar no pormenor como a tragédia se arrastou ao longo da via dolorosa, como O atiraram ao acaso com dois ladrões para um pelotão de execução, e como no meio de todo este horror e no ermo medonho da-quele abandono uma só voz se levantou a render-lhe preito, uma voz formidável vinda do próprio cadafalso da justiça, e Ele disse a esse rufião anónimo: «Hoje mesmo estarás comigo no paraíso!».

O que se há-de acrescentar a isto senão um ponto final?

Ou haverá alguém preparado a dar uma resposta adequada àquele gesto de despedida da carne, que cria para sua Mãe um novo filho?

(«O Homem a quem chamam Cristo» — Chesterton)



Fundação Cuidar o Futuro

VIAJAR... FUGA OU VALORIZAÇÃO?

É uma época esta em que mais nos toma o apelo de longes terras. E o velho romeiro que existe em nós, contemplativo de sonho e de poesia, e a criança que já não somos, ávida de novidade e de contos de fadas, e o aventureiro confiante que uma raça de viajeiros nos deixou impresso na alma, todos, à uma, nos impelem para o desconhecido.

...E aí vamos nós, por vários e curiosos caminhos, à procura do que nos chama. E chamam-nos as maravilhas duma Natureza dominada pelo homem ou na desordenada riqueza duma vida virgem. E chamam-nos grandes cidades, cheias de bulício e de interesse, ou pequenos lugarejos, perdidos aqui ou além, pinceladas de épocas diferentes que o tempo se esqueceu de destruir. E chamam-nos os segredos de outros costumes, outras tradições, outras gentes.

Mas será consciente em todos os jovens este apelo? Não serão outros apelos que ganham mais força? Para muitos, viajar significa «divertir-se» com toda a implicação burguesa ou mesmo errada que o verbo pode ter. Para outros viajar é fugir à monotonia do quotidiano, é libertar-se de peias, de jugos, de códigos de moral e de direito. Então quebra-se a disciplina habitual e a personalidade, liberta do que lhe dava consistência, reduz-se a um primarismo elementar de instintos e reacções desordenadas.

Para quase todos, viajar significa evadir-se de preocupações, de responsabilidades.

Se é certo que deve haver da parte de quem viaja uma adaptação ao modo de viver e de pensar dos naturais da região que se visita, essa adaptação não significa que se seja totalmente francês entre os franceses e sueco entre os suecos...

Se o nosso espírito tiver aquela maleabilidade que não compromete a firmeza dos princípios, o contacto com novas terras e novas gentes há-de produzir em nós salutar choque psicológico. Desse choque nascerá, com certeza, o esforço de reflexão que é o princípio de toda a cultura. E poucos instrumentos de cultura são tão ricos como as viagens. Nelas se encontra a história, a arte, os espectáculos, a geografia, as ciências, os contactos humanos, tudo o que integra a cultura. No entanto, frisemo-lo bem, se tudo isso contribue para a aquisição da cultura, é verdade que não constitui a cultura. Porque a cultura supõe uma pessoa, um sujeito; exige uma inteligência. E lembrar-se-ão todos os que viajam de levar a inteligência nas bagagens?

As viagens só alargam e aprofundam a cultura na medida em que dentro de nós se realiza o processo de amadurecimento das impressões recolhidas. Então estas, libertas da ganga inútil, adquirem a sua pureza essencial e inserem-se no nosso próprio eu. E só esta assimilação assegura um enriquecimento cultural autêntico. Quantos viajam por esse mundo fora sem que a sua cultura aumente por isso! Pois como podem reagir a novos

costumes, a novas ideias, aqueles que vivem meses e anos seguidos no seu próprio meio sem terem dado conta do que se passava à sua volta, sem terem compreendido sequer a linguagem de cada alma? E como podem reagir aqueles que vivem completamente despersonalizados, sem ideias próprias, agindo ao sabor dos acontecimentos e das correntes e das opiniões alheias?

As viagens exigem que nos libertemos da comodidade das ideias feitas, das fórmulas sociais estabelecidas. Exigem um esforço constante de aferição entre princípios imutáveis e costumes legitimamente variáveis. É o equilíbrio desta aferição que raramente se atinge, principalmente quando se viaja no estrangeiro. Quem não viu já tantas raparigas portuguesas que em Portugal parecem muito sensatas e que mal atravessam a fronteira ficam totalmente outras, são capazes de ir a toda espécie de divertimentos, «cabarets» e tudo o mais (porque é preciso conhecer tudo, não é?, para saber julgar...), entram nos moldes duma duvidosa camaradagem com os rapazes e tomam com o maior entusiasmo todos os hábitos, todas as atitudes? Infelizmente, na maioria das excursões de universitários (e nos últimos anos elas têm-se multiplicado) as raparigas não fogem a esta regra. É legítimo perguntar então: que é feito das suas ideias de moral? que as impedia de proceder assim em Portugal? Creio bem que o seu comportamento é diferente no estrangeiro e no País porque cá limita-as o «parece mal»; a sua conduta aparentemente recta é unicamente ditada pelo receio do escândalo. Porque para a maior parte das raparigas só é mal aquilo que se vê objectivamente como mal, aquilo que os outros, as leis, os costumes consideram como tal. Onde está a sua delicadeza de consciência? Não teremos nós, universitárias católicas, que fazer aqui trabalho de educação pessoal, obra de apostolado?

No fundo do problema creio encontrar total ausência de sentido crítico que julgue equilibradamente o mundo exterior e o nosso próprio mundo interior de ideias e sentimentos, instintos e sensações. No entanto, não pode este sentido crítico desenvolver-se excessivamente. Então, tal como nos casos em que todas as ideias e todas as formas são aceites com a mesma passividade intelectual, está radicalmente comprometida a capacidade de admirar.

Um dos grandes males da nossa época está na indiferença perante todas as coisas, perante todos os acontecimentos. Poucos são capazes de experimentar o deslumbramento, a fascinação do Belo. E por isso poucos são capazes de admirar.

Viaja-se assim muitas vezes sem se descobrir a alma das terras, sem se entender a visão nova e diferente que os outros povos têm da vida e do universo. Tão pouco se faz a maravilhosa descoberta do Transcendente e do Eterno, através da contingência das coisas humanas, patente nas artes, nos costumes, nas ruínas de outros tempos.



Aquele que viaja cheio de si e das suas opiniões, aquele que viaja com o espírito cheio de preconceitos e ideias vulgares, esse não está também em condições para entender o maravilhoso mistério que se esconde nos seres, a sinfonia que todos eles, homens e coisas, terras e natureza, em línguas diversas, entoam no concerto do universo.

Viajar exige ainda um compromisso na equação de homogeneidade da vida. Exige que se respeite o Outro: nos seus costumes, nas suas tradições, nos seus conceitos da vida. E por isso, por essa omnipresença do Outro, viajar assenta num princípio de reciprocidade total: a todas as terras, a todas as gentes, havemos de levar a resposta da nossa terra, da nossa cultura, da nossa personalidade.

Só deveríamos ter coragem de viajar, de entrar em permuta com os outros povos, quando nos sentíssemos perfeitamente inseridas no património cultural do nosso País, quando pudéssemos levar aos outros a mensagem insubstituível que caracteriza o nosso povo. Só assim estaríamos construindo à nossa escala a comunidade das nações onde cada uma dá aquilo que lhe é próprio e se enriquece com as dádivas de todos os outros. Então viajar seria um comércio de bens espirituais, garantia de valorização individual e de progresso social. Então seriam para cada um inteiramente verdadeiras aquelas palavras do Santo Padre: «Viajando, observando, o turista aprende a conhecer melhor aqueles que de longe ele ignorava ou conhecia mal e, ao regressar, ele espalha à sua volta uma estima mais justa, uma apreciação mais favorável. Em compensação ele, por seu lado, talvez inconscientemente, fez julgar e apreciar — queira Deus que seja sempre positivamente — o seu país, a sua civilização, a verdadeira religião.» (Rio XII, 30-3-53)

talvez pelo facto de viajar se identificar muitas vezes com evasão aos hábitos, às leis, à moral até, grande número dos que viajam despreza sistematicamente todo e qualquer projecto de viagem no próprio País. Esquecem-se muitas vezes que dominando muito melhor a língua e vivendo das mesmas fontes originais de tradição, estão mais aptos para compreender a mentalidade do povo, para entender melhor a linguagem das coisas. Viajar na nossa terra é sempre um enriquecimento: vincula-nos mais fortemente à Pátria, permite-nos uma visão mais real dos valores nacionais, leva-nos a uma inserção mais profunda nos grandes problemas do País.

Convivendo com pobres e ricos, vendo trabalhar camponeses e pescadores, visitando cidades da província ou aldeias isoladas nos montes, escutando Mestres da Universidade ou poetas do povo, sente-se a incanção da alma da comunidade. Compreendendo os anseios e os problemas, os sonhos e as dificuldades, de uns e outros, adquire-se a solidariedade que une os filhos duma mesma Pátria. Então poderemos ser plena e conscientemente universais porque teremos sido profunda e autenticamente nacionais.

Maria de Lourdes Pintassilgo

UM VELHO CONTINENTE... OU UMA ASIA RENOVADA?



1. Dificuldades da situação actual

Quando, ao olharmos um planisfério em visão de conjunto, abrangemos toda a superfície terrestre, necessariamente sobressai aos nossos olhos essa massa imensa que é o continente asiático, cuja extensão de 44 milhões de quilómetros quadrados é habitada hoje por mais de 1.300 milhões de seres humanos — ou seja, só aí, mais de metade da população total do globo. Isto nos dizem os compêndios de geografia, que acrescentam: «...e as suas terras distribuem-se por todas as categorias de zonas climáticas...», para nos lembrar, assim, a variedade de ambientes, a diversidade de raças submetidas às condições mais diversas de existência, que vivem nesse imenso continente.

Parece que bastariam estes simples dados do conhecimento vulgar, para fazer atrair facilmente sobre a Ásia a nossa atenção; bastariam para isso, mas não seriam suficientes para causar apreensões, se deles não viessem a derivar certas circunstâncias, que tornam bem grave a sua situação actual.

De facto, a Ásia é hoje, como sempre tem sido, um foco de problemas de difícil solução; problemas que, se, em parte, são semelhantes àqueles que afligem a humanidade em todos os pontos da terra, por outro lado assumem ali, em geral, dimensões muito maiores, precisamente porque se põem em escala proporcional à extensão do seu território e à densidade da sua população.

Note-se também que, na análise dos problemas asiáticos, nós, os ocidentais, não podemos desprezar um factor muito importante: a natureza da mentalidade oriental, vincadamente específica, à luz da qual todas as questões adquirem tonalidades bem diversas das que lhes reconhecemos entre os povos do Ocidente — o que implica diferença radical também, por vezes, em relação às soluções a adoptar.

Por natureza, o oriental é um homem que vive essencialmente voltado para o seu mundo interior — um mundo construído à base, de mistério, de que ele consegue também impregnar tudo que o rodeia — e ainda influenciado fortemente pelo peso da tradição, que respeita como coisa sagrada. Não o preocupam sobremaneira, eutretanto, os problemas do dia-a-dia; para o oriental, o presente é um momento fugaz, que deve ocupar-se no culto do passado — esse passado que exerce sobre ele uma fascinação autêntica — e na preocupação do futuro — não o futuro da sua existência no mundo, mas o futuro da sua vida extra-terrena.

Assim, enquanto o ocidental é um homem distraído do passado e,

quantas vezes, despreocupado com o futuro, o oriental é, essencialmente, um concentrado, um contemplativo — mas essa tendência chega a assumir, nele, um carácter mórbido, levando-o a um estado de inacção perigosa, de inércia estéril, relativamente ao mundo em que vive. Entretanto, o ocidental costuma cair no extremo oposto: é ele o homem prático por excelência, o homem que procura o útil em tudo o que realiza, o homem que orienta todas as suas actividades no sentido do concreto. Sentindo-se o orientador dos caminhos da ciência e o detentor das aquisições da técnica, lança-se na ânsia do progresso material e satisfaz-se desse modo, julgando que isso basta à sua realização pessoal e que pode conduzi-lo ao domínio do mundo; e cada vez mais vai esquecendo, assim, a sua valorização autêntica na ordem espiritual.

Em contrapartida, os orientais — que abominam quase o progresso técnico, porque não lhes seduz o tirar partido das coisas do mundo, mas apenas a alegria de descobrir na vida algo de novo e de belo que só o espírito pode dar-lhes — tomam, geralmente, uma atitude que acaba por gerar uma desadaptação total em relação ao concreto, atitude que explica, em grande medida, a sua apatia em face dos problemas que têm de resolver, especialmente se eles exigem uma solução prática.

É, em larga escala, devido a esta forma de encarar a vida, que difficilmente podem melhorar, na Ásia, as condições de existência; elas tendem, antes, a agravar-se cada vez mais.

Assim, porque o solo é mal aproveitado, as riquezas pouco exploradas, a população irregularmente distribuída, o trabalho executado em condições deficientes — por tudo isto, mais do que em qualquer outra parte do mundo, morrem de fome na Ásia, anualmente, milhares e milhares de pessoas, e muitas das que subsistem vivem em condições degradantes. Na vizinhança dos mughates e dos ros, vegetam, aos milhares, os miseráveis famintos; um abismo intransponível separa as classes sociais e diferencia totalmente as suas condições de vida. A desigualdade gera a revolta, a miséria arrasta a perversão moral... e são estas, por fim, as consequências trágicas dos defeitos da estrutura social e da carência de recursos económicos em que vivem estes milhões de seres humanos.

Por outro lado, encarada no aspecto político, a situação não aparece menos complicada: a divisão do território em grandes Estados, que absorvem os mais pequenos e monopolizam em si os recursos de uns e de outros — e tudo isto acrescentando à insegurança das formas de governo e à deficiência de métodos de administração — não cria ambiente favorável às grandes reformas sociais e económicas, que se tornam cada vez mais necessárias.

O baixo nível cultural das massas populares — que, em grande parte, não são atingidas ao menos por um ensino rudimentar — torna mais difficil uma recuperação, em qualquer daqueles sectores. É certo que, nas regiões mais permeáveis à penetração europeia, existem, em bom número, escolas de vários graus e florescem mesmo algumas Universidades; con-

tudo, a sua influência tem um raio de acção bastante limitado, que não chega a afectar fortemente o conjunto. Os meios de cultura estão ainda longe de penetrar, em extensão, todo o continente asiático, devido à fraca projecção a distância, que conseguem esses pequenos — ainda que intensos — focos de irradiação cultural. Entretanto, urge encarar muito a sério o problema, e criar todas as condições para que possa conservar-se um património de cultura superior tão exuberante de formas e ainda rico em potencialidades, como é o da velha Ásia — berço venerável das mais antigas civilizações — que hoje corre o risco iminente de perder-se.

Ao que fica dito, devemos acrescentar ainda um aspecto da situação actual na Ásia, que terá, porventura, o condão de despertar-nos mais fortemente a consciência para a acuidade dos perigos que, cada vez mais, ameaçam os nossos irmãos do Oriente: é que, para além de tudo o mais, temos de ter bem presente que tem sido o continente asiático, até agora, a presa mais fácil do comunismo ateu.

A heresia eslava, que traz em si a marca oriental da raça daqueles que a propagam, não tem tido dificuldade séria em penetrar no espírito dos seus irmãos de origem, cujo baixo nível cultural e deficiente formação espiritual — já apontados — mais ainda facilitam a tarefa, entre as massas populares. E é assim que vemos já hoje, sob a influência — directa ou não — da Rússia, não só a Sibéria e seus anexos (num total superior a 50 milhões de almas), como a velha China, com grande parte dos seus 400 milhões; isto, sem falar dos grandes focos comunistas que se desenvolvem na Índia, nos Estados Árabes, na Indochina...

2. Como chegar a uma solução?

Que se conclui do panorama esboçado? Como todo o mundo do nosso tempo, atravessa a Ásia, sob muitos aspectos, uma crise tremenda, que é, na sua origem (acentuá-lo já se tornou lugar-comum), uma crise de ausência de valores em todos os campos — ou, mais profundamente ainda, uma crise que se cifra numa noção deturpada do que sejam os valores essenciais e que leva à inversão total desses mesmos valores.

Contudo, se para nós, ocidentais, o remédio se encontra, muito simplesmente, num regresso ao rumo vital perdido, num retorno às fontes puras, que se não extinguem, de uma Civilização que, há vinte séculos, começou a afirmar-se em sentido autêntico — para os orientais é bem mais difícil o recurso a esse remédio, porque, no seu caso, ele significa não um retorno, mas quase um começar tudo de novo... e um começar que implica, em grande parte, o abandono de uma concepção geral de vida, que conta vários milénios de existência.

Deve acentuar-se, no entanto, que este **começar**, de que se fala, significa **renovação**, não **destruição** do existente. Há que aproveitar, em sentido construtivo, tudo quanto haja de belo, de recto e de puro nesse manancial inesgotável que sempre tem sido a Ásia, cuja tendência para a cultura superior do espírito tanto se tem revelado ao longo dos séculos,

através de numeroso escol de pensadores e artistas, de filósofos e poetas — a quem, em muitos casos, só falta a luz irradiante da Fé cristã para coroar de plena beleza as suas obras.

Por este caminho se vê, com clareza, como é altamente destrutivo — mais ainda do que estéril — sob muitos aspectos, o velho antagonismo Europa-Ásia, que tem persistido através dos tempos, impedindo ou dificultando uma interpretação de culturas, que poderia ser profundamente benéfica para ambas as partes, conduzindo a uma influência recíproca, que traria ao património comum tudo quanto de elevado subsiste em cada uma: do Oriente, o conteúdo de uma cultura superior do espírito, criada e elaborada ao longo de milhares de gerações; do Ocidente, o espírito de uma cultura a que o Cristianismo deu vida, que tem de ser seiva criadora a infiltrar-se por todos os caminhos humanos.

Podemos explicar-se até certo ponto, no entanto, a persistência do antagonismo apontado: não devemos esquecer que a Europa — e com ela, a civilização ocidental — só em época bem tardia entrou em contacto directo e permanente com a Ásia — numa época, afinal, em que esta, já de posse dessa cultura várias vezes milenária, que lhe moldara fortemente o espírito, se convencera de que tinha atingido o cume da perfeição humana, e se fechava orgulhosamente a todas as influências estranhas. Por isso, o europeu — que dominou a África selvagem e marcou bem viva a sua presença nas Américas — só dificilmente penetrou no continente asiático — que sempre foi hostil às tendências inactas de domínio dos homens do Ocidente — e bem menos profundo foi o rasto que pôde lá deixar. (Não deixe de notar-se, muito a propósito, que a penetração europeia na Ásia, ainda que sempre difícil, só pôde começar a fazer-se com eficiência e mútuo proveito, quando os homens, que a essa tarefa se entregaram, o fizeram unicamente animados de um autêntico espírito cristão; referimo-nos aqui, em especial, aos missionários, e podemos lembrar, entre tantos outros, o caso de São Francisco Xavier).

3. Com a Igreja, «Pax Romana» está presente

A tudo o que se tem dito acerca da situação actual da Ásia e dos seus problemas mais graves, nada mais será preciso acrescentar, para que se compreendam facilmente as apreensões com que a Igreja segue o desenrolar dos acontecimentos no continente asiático.

Em face das causas profundas da crise apontada — que podemos, em última análise, reduzir a três aspectos essenciais: por um lado, as condições inerentes à própria estrutura geográfica e política da Ásia, difíceis de atenuar; por outro, os defeitos resultantes da mentalidade oriental, que tornam difícil a solução dos seus problemas sem auxílio estranho; e, por último, a má aceitação de qualquer influência directa, que venha do Ocidente — por tudo isto se torna claro que só a formação integral de

um autêntico escol de dirigentes, escolhidos, na maioria, entre os próprios naturais, para actuar em todos os sectores da vida pública, poderá atenuar essa crise.

Aí, como em toda a parte, compete essencialmente à Universidade formar esses chefes que, em todos os sectores, hão-de consagrar-se à reabilitação espiritual e material dos seus irmãos de raça. Mas ainda aí, mais do que nunca (o que se conclui logicamente de tudo o que se disse), a Universidade terá que assumir um duplo papel: para além de mentora de intelectuais, ela tem de ser formadora de apóstolos.

Numa terra de missão, como é a Ásia, não basta produzir um escol de valores que se afirmem no campo da cultura; é indispensável suscitar, acima de tudo, autênticas vocações apostólicas, que se dêem à salvação das almas. Esclarecidos pela Fé, iluminados pela Esperança, unidos no Amor — só desse modo os filhos do «velho» continente (que será então um continente «renovado»), hoje, como sempre, tão ciosos da sua emancipação de tutelas estranhas, terão conseguido finalmente essa emancipação, mas em sentido autêntico: porque terão passado, assim, da sujeição do erro, à libertação de espírito, que é a posse da Verdade.

Levar a Ásia a descobrir a solução cristã dos seus problemas, pela formação de um escol intelectual, ardentemente apostólico, tem sido o objectivo principal da actividade de «Pax Romana», através das suas Federações asiáticas. Apesar do ambiente tantas vezes hostil, mostra-se fecundo o trabalho desenvolvido por essas Federações, que, infelizmente, são ainda em número muito reduzido (contam-se apenas as do Japão, Ceilão, Indonésia, Índia e Malásia).

Reconheceu-se, porém, que se corria o perigo de dispersão de esforços, por falta de algo que conseguisse paralizá-los, que pudesse ser o fulcro em que se cimentasse uma união intensa, o ponto de partida onde viesse a aferir-se o rumo para o caminho longo que falta percorrer. Foi assim que surgiu a ideia da realização do «Seminário Asiático»: em Dezembro deste ano, «Pax Romana» promove, na Índia — em colaboração com as Federações da Ásia, suas filiadas — um ciclo de estudos, que durará um mês e reunirá cerca de uma centena de dirigentes universitários de doze países do continente asiático. Vivendo em comum, no trabalho e na oração, o seu objectivo principal será a formação espiritual, intelectual, social, profissional e apostólica dos que nele participam, a fim de criar em todos o sentido perfeito da colaboração no plano supranacional e prepará-los para a acção apostólica nos seus próprios meios.

Esta iniciativa reveste alcance profundo, que desnecessário se torna encarecer; por ela, com a ajuda de Deus, há-de tornar-se mais fecundo na Ásia o apostolado intelectual, que constitui, por toda a parte, uma necessidade premente dos nossos dias.

Conscientes da sua inserção perfeita no Corpo Místico — fonte de vida da nossa comunidade espiritual — todas as Federações de «Pax Romana», espalhadas pelo mundo, têm de sentir-se fortemente compromete-



tidas a dar todo o auxílio que lhes for pedido — quer na ordem espiritual, quer na ordem material — com vista à realização do «Seminário Asiático».

Depois, unidos numa só voz, todos daremos graças ao Senhor, que nos achou dignos de lançar também à terra uma semente — pequenina, mas fecunda — que há-de frutificar no Amor, para ajudar a conduzir à união em Cristo tantos dos nossos irmãos, que ainda hoje permanecem ignorantes da luminosa Verdade, desviados do único Caminho, privados da autêntica Vida.

Maria Celeste Vaz de Sousa

NOTICIÁRIO

Como já noticiámos, realiza-se em Portugal a **VIII Assembleia Plenária do M. I. I. C.** («Movimento Internacional dos Intelectuais Católicos» — Pax Romana). Os delegados estrangeiros que nela tomam parte chegam a Lisboa em 31 de Julho, e os trabalhos — subordinados ao tema geral «**O apostolado nas profissões**» — decorrem de 1 a 7 de Agosto, inaugurando-se em Lisboa e prosseguindo depois em Fátima, onde serão estudados os seguintes pontos fundamentais: 1.º — «A profissão como tal»; 2.º — «A profissão ao serviço da pessoa e da comunidade»; 3.º — «Exigências cristãs da vida profissional»; 4.º — «Papel de Pax Romana e dos seus agrupamentos».

A «Fédération Suisse des Étudiants Catholiques» organiza, em An-diat (Grisons), um **Campo de Férias Internacional**, de 2 a 16 de Agosto, com programa subordinado ao tema: «Como a estudante moderna, permanecendo no mundo, pode viver uma autêntica vida cristã».

De 15 a 22 de Agosto, realiza-se em Flueli, no cantão de Obwald (Suíça), a **Assembleia Interfederal de 1954, de «Pax Romana» — M. I. E. C.** Nela devem reunir-se delegados de todas as Federações; a J. U. C. F. — agora candidata ao «Comité Directeur» — mais uma vez estará presente também.

Os trabalhos da Assembleia subordinam-se ao tema geral: «**O estudante católico e a cooperação internacional**», desdobrando-se o seu estudo por quatro comissões, a saber: 1.º — «A Universidade, órgão do património cultural da Humanidade»; 2.º — «Os estudantes estrangeiros»;

3.º — «Problemas dos estudantes emigrados e refugiados»; 4.º — «A Federação, centro de incorporação do estudante na comunidade internacional».

Também em **Flueli**, precedendo os trabalhos da Assembleia Interfederal, terão lugar, nos dias 13 e 14 de Agosto, as «**Journées Européennes**» de 1954, em que participam somente delegados das Federações europeias. O tema versado é o seguinte: «**As disciplinas universitárias na comunidade internacional**».

Em **Camaldoli** (Itália), a F. U. C. I. realiza de 25 a 30 de Julho, mais uma «**Semana de Estudos Sociais**», em que será analisado «O problema das classes sociais na Itália».

Promove igualmente a realização de Campos de Férias, nos **Alpes**: para raparigas, em Bar Cenisio, Cogne e Plancios; para rapazes, em Albor.

A K. D. S. E. («**Katholische Deutsche Studenten Einigung**»), da Alemanha, organiza, de 2 a 8 de Agosto de 1954, mais um Congresso Nacional, em **Fulda** (Hesse), subordinado ao tema: «A nossa atitude em relação à democracia».

No castelo de **Gemen**, na **Vesfália** (Alemanha), terá lugar, de 7 a 22 de Agosto, um **Encontro Internacional de Estudantes** (promovido também pela K. D. S. E.), durante o qual serão tratados os temas seguintes: «Responsabilidade da Igreja no mundo; a solidariedade cristã»; «A comunidade europeia, seu papel e sua posição no mundo de hoje»; «A Igreja e a nova dimensão do mundo».

A F. F. E. C. promove, em **Saint-Gervais** (França), a realização de mais um **Campo de Férias Internacional**, que terá lugar de 15 a 31 de Agosto. Ainda em **Saint-Gervais**, realizar-se-á também um Encontro entre membros da F. U. C. I. (Itália) e da F. F. E. C. (França), que decorrerá de 1 a 15 do mesmo mês.

A «**Katholische Hochschuljugend Oesterreichs**» (Juventude Universitária Católica da Áustria) organiza uma **Semana Internacional** de estudo, que decorrerá em **Kremsmünster**, perto de Salzburgo, na última semana de Agosto.



NOTÍCIAS DOS SUBSECRETARIADOS

...DAS MISSÕES:

As «Obras Missionárias Pontifícias» de Espanha levarão a efeito, no verão deste ano, o **XI Congresso Missionário Universitário Internacional**. O Congresso reunir-se-á em **Sant'Iago de Compostela**, em data ainda não definitivamente fixada.

...DE FARMÁCIA:

O Subsecretariado de Farmácia, com sede em Paris, pensa organizar, de acordo e em colaboração com as Federações nacionais dos diversos países, um **Encontro Internacional de Estudantes de Farmácia**.

Informa-nos o mesmo Subsecretariado de que a F. I. P. C. («Fédération Internationale des Pharmaciens Catholiques») realizará, em **Saragoça** (Espanha), de 3 a 5 de Setembro deste ano, o seu próximo **Congresso**, subordinado ao tema: «**Humanismo e Profissão**».

Sabemos também que a I. P. S. F. («International Pharmacy Students Federation»), com sede em Londres, realiza um Congresso na **Alemanha**, durante o mês de Agosto do ano que decorre.

Na **Austrália** — informa ainda o Subsecretariado de Farmácia — têm sido levados a efeito ciclos de conferências, que se destinam a estudantes de Farmácia e tratam problemas que muito interessam à sua formação profissional, tais como: «A vocação farmacêutica»; «Problemas morais do farmacêutico católico»; «A venda de produtos anti-concepcionais»; etc.

...DE ENGENHARIA:

«**O Engenheiro católico e as relações humanas na Empresa**» — é o tema geral do Congresso organizado pelo S. I. I. C. («Sécretariat International des Ingénieurs Catholiques»), que, segundo noticiámos já, se realiza em **Delft (Holanda)**, de 22 a 25 de Julho, e será precedido de um Encontro de estudantes — a começar em 18 de Julho — durante o qual serão analisados «**As responsabilidades humanas do Engenheiro**».

ECOS DA VIDA DA J. U. C. F.

Bênção das pastas

No dia 16 de Maio, às 9,30 horas, realizou-se, sob a presidência de Sua Eminência, o Cardeal Patriarca de Lisboa, a Festa da Bênção das Pastas dos Universitários Católicos de Lisboa.

Para todos os finalistas que, cumprindo a velha Tradição Portuguesa, não faltaram nesse dia e puseram sobre o Altar a Pasta dos seus Livros, emblema de esforços, derrotas e conquistas, foi um dia que marcou na sua vida como um juramento de conduta: Uma grande dignidade de coisa feita a sério, no desfile silencioso dos finalistas; uma grande humildade, no ajoelhar aos pés do Altar; uma grande renúncia em favor da Verdade Absoluta na entrega total a Deus da Pasta de Finalistas.

Renúncia e Humildade — tanto a precisam os intelectuais de hoje, seguros de possuir a Verdade — que o Senhor só revela «aos pequeninos» e esconde «aos sábios e prudentes deste mundo»; Renúncia e Humildade — tanto a precisa a nossa juventude, ávida de plenitudes; — esquecendo a Plenitude; orgulhosa e cerrada sobre si mesma — esquecendo a Infinita Sabedoria...

Nós vos oferecemos as nossas alegrias e as nossas tristezas, os nossos triunfos, as nossas derrotas, as nossas aspirações e os nossos desenganos... Nós vos agradecemos, Senhor... termos, através de tantos erros e doutrinas falsas, conservado incólume a certeza da Fé... Vós, Senhor... tornai-nos humildes diante da Verdade... Finalmente, Senhor, permiti que nos mantenhamos sempre unidos no mesmo espírito pelo vínculo do amor fraterno... e... sempre fiéis ao Evangelho...».

Foi esta, creio, a mensagem recebida pelos Finalistas Católicos — mensagem de Renúncia e Humanidade — compreendida e jurada com a sinceridade da nossa Juventude e a força da nossa Esperança.

Maria Leonor Carvalhão



Tens pensado a sério na colaboração
que vais dar ao nosso Certame Mariano?

*

Bem sabes que deves marcar a TUA PRE-
SENÇA, como universitária, neste Ano de
Maria; e podes marcá-la bem viva, se deres
o teu contributo ao Certame!

*

Lê de novo o Regulamento, que vem no
n.º 3 de «Presença»,

E COMEÇA JÁ a trabalhar. Aproveita, nesse
sentido, as tuas férias; lembra-te de que o
êxito do Certame depende DE TI, depende
de cada uma de nós...

...e, até 25 de Outubro, não deixes
de enviar o teu trabalho à Direcção Geral!

PÁGINA BIBLIOGRÁFICA

Poderíamos indicar-te, como em outros anos fizemos, longa lista de bons autores sobre temas capitais que tinhas o dever de conhecer e aprofundar durante as férias.

Mas, pensando melhor, e considerando que a superficialidade é afinal uma das muitas deficiências do nosso estudo universitário, compreenderás a exigência de te entregares toda a quanto fizeres.

Sabes que é indigno de nós, conhecer apenas de ouvido, os grandes nomes do pensamento actual; que nos não é sequer suficiente, a mera leitura de uma ou outra das suas obras mais em voga, o que, de modo algum nos habituará a ajuizar da sua temática, do seu valor humano e literário, sobre os quais TEMOS DE POSSUIR OPINIÃO.

Eis porque não irás encontrar aqui sugestões novas.

Folheia, de novo, os 4 números da «Presença», publicados este ano, e impõe-te um exame de consciência: Podes dizer, com verdade, que CONHECES Thomas Merton, Georges Bernanos, Gustave Thibon, Gustavo Corção, Paul Claudel e Chesterton?

Fundação Cuidar o Futuro

Aproveita as férias.

Gasta pròdigamente o teu dinheiro em livros. Pede-os emprestados. Mas chega à intimidade de, pelo menos, um desses grandes condutores espirituais da nossa geração, porque, universitária que és, não podes contentar-te em ser uma diletante!



Fundação Cuidar o Futuro

PRESENÇA

EDIÇÃO DA DIRECÇÃO GERAL DA J. U. C. F.
Avenida Duque de Loulé, 90, r/c-D. — Lisboa

Composto e Impresso nas Oficinas de S. José
Com aprovação eclesiástica

Fundação Cuidado Futuro